

O *Archivo Pittoresco* (1857-1868). Subsídios para sua História*

Por Eurico Dias**

1. Saudações à plateia

Boa tarde a todos os presentes e sejam bem-vindos à conferência «O *Archivo Pittoresco* [1857-1868]. Subsídios para sua História». Espero não tomar muito tempo à assistência, pelo que apenas focarei as questões mais prementes em relação ao historial deste periódico. Pela quantidade e pormenor da informação a tratar tentarei fazer uma leitura com alguns comentários paralelos. Prosseguindo;

2. Introdução ao tema

A primeira vez que tomei contacto com a célebre publicação do *Archivo Pittoresco* terá sido, muito provavelmente, no início da redacção da minha dissertação de mestrado – intitulada A construção da História Medieval na imprensa periódica portuguesa de Oitocentos: os exemplos de O *Panorama* e do *Archivo Pittoresco* e que foi defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Janeiro de 2003. Para as pessoas que quiserem adquirir esta obra académica, chamo a atenção que será publicada em breve pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Apesar de possuir uma formação académica inicial na área das Ciências da Comunicação, possuo uma grande apetência e interesse pelos estudos históricos, nomeadamente, ao nível da História da Idade Média. Por conseguinte, tentei e continuo a tentar conciliar dois campos do Saber que se revelaram intimamente ligados e proceder à simbiose da investigação histórica medieval com a análise das práticas jornalísticas portuguesas.

* Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências “**Arquivo Pittoresco, 150 Anos Depois (1857-2007)**”, 1.ª Conferência (Hemeroteca Municipal de Lisboa, 13 Setembro 2007).

** Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Línguas e Administração de Santarém. Investigador associado da Academia Militar e bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Os periódicos literários são detentores de uma perfeição perdida para a actualidade em que vivemos, sendo hoje esquecidos fóruns de convivência entre a História e a Imprensa. De entre os inúmeros exemplos que poderíamos ter escolhido como fontes primárias para os nossos estudos, decidimos optar, na altura, pela leitura e compreensão de *O Panorama* e do *Archivo Pittoresco*, dois dos principais periódicos literários da primeira metade do século XIX.

Estes e outros periódicos permitiram uma evolução cognitiva de uma vasta camada da população portuguesa, nomeadamente entre os anos de 1837 e 1868, pois veicularam novas ideias e problematizações na profusão do Romantismo em Portugal. Estes periódicos em particular interessam-nos, não só pelo seu conteúdo histórico, mas também para nos interrogarmos sobre quem os concebeu, quando foram elaborados, por que razões se mantiveram, em que condições foram produzidos ou como se divulgaram, entre tantas outras questões.

Será legítimo afirmar que os jornalistas são *cronistas* da História? Algo de extremamente notório no domínio da historiografia moderna será o facto dos trabalhos provenientes dos diferentes *mass media* serem uma fonte importantíssima na investigação histórica. Apesar de se considerar como uma História *feita no dia seguinte*, apresentará sempre distorções e até uma manipulação, mas não deixará de constituir uma fonte fundamental para a própria História, pois encerra em si o *espelho do quotidiano*.

Apoiados nos exemplos do *Archivo Pittoresco*, poder-se-á afirmar que as relações entre a Imprensa e a História não parecem ter sido de conflito, mas sim de um intenso auxílio mútuo. Embora agindo em patamares científicos diferentes, os seus limites pareceram-nos algo esbatidos e transpostos. A partir das inovações introduzidas por *O Panorama* e, por conseguinte, pelo *Archivo Pittoresco*, as relações entre a historiografia e a imprensa portuguesa entraram numa fase simbiótica que marcou toda a conjuntura cultural em que se apoiou o movimento romântico.

Desde o início da década de 1830 que se sucederam as tentativas de publicação de periódicos ilustrados, tais como o *Ramalhete*, a primeira publicação de que temos conhecimento e registada como pertencente a esse género jornalístico. Contudo, o público recebeu bem essas publicações e muito especialmente *O Panorama* iniciado em 1837, ainda hoje citado principalmente pelos artigos da autoria de Alexandre Herculano, Luís Rebelo da Silva e outros. Surgiram grande número de publicações ilustradas periódicas nessa época, tanto em Portugal como na Europa, sem contudo, lograrem uma existência duradoira. Neste contexto, citamos, por exemplo, o *Jornal de Bellas-Artes* [1848-1857], a *Ilustração* [1845-1852], a *Ilustração Luso-Brazileira* [1856] ou o *Archivo Familiar* [1857]. Por meados de 1857, finalmente, apareceu o *Archivo Pittoresco*, periódico editado pela empresa *Castro, Irmão & C.^a*, e que perduraria até 1868.

Desde a forma de apresentação dos anúncios até à técnica de redacção das notícias existe todo um domínio quase inexplorado cuja riqueza permitirá prospecções interessantíssimas a novos estudos académicos. Cremos mesmo que estas fontes históricas, até agora pouco aproveitadas, são de rara fecundidade para o conhecimento das formas de sensibilidade, dos gostos dominantes e da atitude mental de certas camadas sociais em determinadas épocas do nosso Jornalismo.

3. Súmula biográfica do *Archivo Pittoresco*

O *Archivo Pittoresco – Semanario Ilustrado* iniciou a sua publicação a 1 de Setembro de 1857 e persistiu até data algo incerta, encerrando por finais de 1868. Adoptando modelos funcionais já conhecidos do público nacional, este periódico vendia-se em folhetins semanais de 8 páginas saindo todos os domingos, ao contrário de *O Panorama*, publicado ao sábado. O *Archivo Pittoresco* fez uma única série com a duração de escassos 11 anos, correspondendo a onze volumes com cerca de 412-414 páginas cada, com folhetins graficamente dispostos a duas colunas.

O sucesso inicial do *Archivo Pittoresco* deveu-se ao facto de ter conseguido manter uma constância no seu preço de estampa e que em muito ajudou a tornar-se conhecido, embora tal estratégia se revelasse economicamente fatal: a assinatura anual ficava pelos 2000 réis, a mensal pelos 200 réis e os números avulsos a 50 réis, enquanto que as assinaturas para as províncias nacionais, ultramarinas ou outros países ficavam pelos 2200 réis.

Os seus editores e proprietários pertenciam à firma *Castro, Irmão & C.^a*, tendo sido toda a colecção impressa na tipografia da mesma empresa, sita à Rua da Boavista em Lisboa e, depois de um incêndio, na Rua da Cruz do Pau, n.º 31, também em Lisboa.

O *Archivo Pittoresco* foi considerado, para a altura, uma autêntica obra-prima das artes gráficas portuguesas e o expoente máximo da gravura de madeira. Esta publicação encerra, portanto, um repositório de valor incalculável para o conhecimento da arte da gravação sobre madeira e que será o motivo da próxima conferência a realizar na Hemeroteca no próximo dia 20 de Setembro, sob a responsabilidade da Sr.^a Dr.^a Graça Afonso.

É uma referência incontornável do periodismo literário português, embora o seu título identificativo aparente um conteúdo pouco erudito. Nada mais errado. No entanto, atendendo-se à sensibilidade própria dos “românticos”, compreender-se-á as razões da sua aplicação. Para se compreender a importância do *Archivo Pittoresco*, dever-se-á ter em consideração que esta publicação é, na verdade, uma evolução de *O Panorama*. É um dos caminhos trilhados e deixados em aberto por *O Panorama*, dado que a determinado momento, ele preencheu uma lacuna editorial e temporal deixada suspensa pela sua não publicação. Como tantos outros periódicos literários portugueses, o *Archivo Pittoresco* serviu-se dos *moldes* deixados em aberto por *O Panorama*, sendo este o píncaro evolutivo que o periodismo literário de instrução popular haveria de alcançar, pois embora conhecesse ainda dias felizes, haveria de declinar num futuro próximo.

O *Archivo Pittoresco* legitimou a sua presença e a sua autoridade jornalística, literária e histórica ao afirmar-se desde o seu início como o legítimo sucessor de *O Panorama*. Dá-se, portanto, a continuidade de um modelo posto em prática duas décadas antes e que se implantou, ainda que por um curto período de tempo, nos hábitos de leitura da sociedade portuguesa.

O conteúdo informativo do *Archivo Pittoresco* foi basicamente constituído por monografias de autores, novelas e romances históricos variados, episódios da História de Portugal e de História Universal, artigos elucidativos da campanha contra a *União Ibérica* e, sobretudo, por “estudos da língua materna”, porventura, os noticiais mais constantes.

Mas o *Archivo Pittoresco* possuía determinadas “máculas” de que nunca se libertaria, ou seja, para se posicionar numa posição respeitável no meio literário português, colocou-se na sombra e na senda de *O Panorama* e, mesmo não propositadamente, foi relegado para um plano inferior de importância.

Embora se justifique que *O Panorama* seja uma “*milestone*” do jornalismo literário português, representando, por si só, um modelo e uma etapa da simbiose entre a História e a Imprensa nos meados do século XIX, é justificável afirmar que também o *Archivo Pittoresco* é parte integrante dessa conjuntura. Mas, embora sem se desejar denegrir a sua memória ou o seu valor, ele tenderá a ocupar, de acordo com o presente contexto, uma importância “secundária” na História e na Imprensa, com as devidas reservas.

Desde sempre que o meio cultural português se deparou com imensas dificuldades que ainda persistem bem enraizadas na nossa consciência colectiva. Os corpos editoriais do *Archivo Pittoresco* tinham plena consciência dessa situação, mas isso não os demoveu dos seus propósitos de divulgação cultural e noticiosa, tendo em vista o fim último da instrução primária e popular, que tantas vontades fizeram avançar desde o século XIX.

José de Torres, à data do início da publicação, o redactor principal do *Archivo Pittoresco*, e um dos principais autores que também contribuíram para a divulgação dos estudos históricos já desde os tempos da sua colaboração com

O *Panorama*, faz um elogio glorioso ao nascimento do novo periódico literário, inculcando-lhe uma importância, que sem ser vangloriosa, o remeteria para um lugar de destaque nos periódicos literários portugueses da época.

Note-se que, inclusivamente, a quase totalidade dos colaboradores e ideólogos de *O Panorama* tiveram um papel decisivo na feitura do *Archivo Pittoresco*. Existe a sensação concreta que, ao participarem em o *Archivo Pittoresco*, estariam a colmatar questões deixadas em suspenso na vigência/ausência de *O Panorama*.

É facto curioso o *Archivo Pittoresco* ter sido publicado no mesmo ano que o *Diccionario Bibliographico Portuguez* viu sair o seu primeiro tomo [1857] e que ambas as publicações expressem uma execução prática bastante direccionada para Portugal e para o Brasil, como se poderá facilmente constatar. Como é sabido, os laços culturais que ligavam os dois países estreitaram-se ainda mais com essas e outras iniciativas, como se verá com maior destaque adiante. Um dos problemas mais importantes para o *Archivo Pittoresco* foi, sem dúvida, o da expansão e influência no conjunto da Imprensa periódica nesta década. Daí que a tiragem do periódico expanda progressivamente as suas edições de Lisboa para as províncias nacionais e ultramarinas, bem como para outros países da esfera cultural portuguesa, nomeadamente, o Brasil ou a França.

O *Archivo Pittoresco* demonstrará assiduamente a sua preocupação em proporcionar a sua leitura em todos os lugares públicos, deslocando a sua influência, principalmente, para as escolas e para o ensino primário e popular, remetendo o conjunto da esfera política portuguesa para plano inferior de destaque e importância, como bem o demonstrará Augusto Feliciano de Castilho, um dos autores mais assíduos neste periódico.

Apesar de ter tido uma vida breve, o *Archivo Pittoresco* suportou vários acontecimentos dramáticos, tais como um incêndio que destruiu a sede da publicação em Lisboa, bem como uma epidemia de febre-amarela que assolou Lisboa em 1857, ceifando a vida a alguns dos colaboradores do *Archivo Pittoresco* e a muitos dos leitores. Estes factos levarão a que existam

discrepâncias e truncaturas várias na catalogação e classificação dos dois primeiros volumes entre 1857 e 1858, como o investigador denotará rapidamente. No entanto, a firma proprietária tudo fez para regularizar os índices do *Archivo Pittoresco*, embora tal facto induza em erro muitas das referências bibliográficas a si respeitantes, com especial destaque para esse período, dado o início de cada volume não coincidir com o início do ano civil. Aqui fica expressa a nossa advertência.

No início de 1860, António da Silva Túlio assume a chefia da direcção e da redacção principal do *Archivo Pittoresco* e, sob o seu nome, publicaram-se os tomos III a VIII deste semanário. No entanto, a partir do tomo VII em diante, a sua colaboração torna-se menos assídua, devido aos crescentes encargos que lhe trouxe o serviço da direcção da Biblioteca Nacional. Por força desses impedimentos teve de resignar à direcção do *Archivo Pittoresco* em fins de 1865, pelo que do tomo IX em diante ficou inteiramente a cargo de Inácio de Vilhena Barbosa.

O *Archivo Pittoresco* compreendeu a necessidade de se adaptar à rápida marcha dos acontecimentos sociais e políticos nas diferentes escalas internacional, nacional e regional. É preciso não esquecer que a sociedade portuguesa se *industrializa* rapidamente. Grandes questões se lhe depararam: quais os temas preferidos pelos diferentes públicos? Como se posicionar perante os grandes acontecimentos da sociedade portuguesa e internacional? Foi sempre patente a preocupação de seguir o trilha de *O Panorama*, evitando, quanto possível, os erros em que este caiu. Apostou-se na introdução de mais gravuras na publicação, mais pormenorizadas e ricas, de produção nacional, assim como na crescente qualidade do papel impresso.

Face aos custos onerosos da importação das gravuras de proveniência estrangeira, nomeadamente de origem francesa, o *Archivo Pittoresco* fundou uma escola de gravura em madeira nas suas dependências, fomentando esta arte em Portugal e favorecendo muitos jovens carenciados que aprenderam tal arte tipográfica. Pela sua singularidade e excelência, contribuíram em muito

para o sucesso das modernas estratégias editoriais da aliança da imagem e da palavra.

O grande destaque do *Archivo Pittoresco* irá ser conseguido pelo apoio monetário e logístico da *Sociedade Madrêpora*, instituição literária e cultural fundada por magnatas portugueses e sediada no Rio de Janeiro. Sendo uma sociedade benemérita e amiga das Letras e das Ciências, à semelhança do que fora a *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, sediada em Lisboa, para *O Panorama*. Tenha-se em atenção que este periódico também foi concebido à semelhança do *The Penny Magazine*, publicado em Londres entre 1832 e 1845, como o órgão noticioso dependente da *Society for the Diffusion of the Useful Knowledge*. Assim se compreende a grande difusão deste tipo de sociedades beneméritas.

A grande novidade prende-se com o facto de ser uma sociedade estrangeira, embora composta por portugueses radicados no Brasil, a desenvolver e doar largos recursos económicos [vulgo, “a fundo perdido”] para a causa nacional da educação primária e popular. Desde logo assegurou a compra de quase todos os exemplares do *Archivo Pittoresco* e promoveu, às suas custas, a onerosa distribuição por todas as “escolas públicas do Reino”. Embora nos seja difícil definir qual a data da fundação e bastante escassas as referências à sua actividade cultural da *Sociedade Madrêpora*, o certo é que proporcionou os meios necessários a este e a outros periódicos portugueses para desenvolverem as suas actividades editoriais.

É este o período áureo do *Archivo Pittoresco*, cujo destino estará agora selado ao da brasileira *Sociedade Madrêpora*, tantos em termos financeiros como ideológicos, até ao estíolar de ambas as organizações. Assim se manifestavam as relações recíprocas entre o *Archivo Pittoresco* e as ideologias políticas e intelectuais dominantes em Portugal e no Brasil e se definia a linha editorial deste periódico, de acordo com os interesses políticos e económicos que vigoram no país. Quanto à estrutura funcional da *Sociedade Madrêpora*, o *Diccionario* dá conta de que “Antonio Emilio Machado Reis foi um dos

fundadores e directores da sociedade *Madrépora* do Rio de Janeiro, que nos primeiros annos auxiliou na sua divulgação o *Archivo Pittoresco*.”

Num esforço de definir e dar a conhecer os intentos da *Sociedade Madrépora*, que ainda hoje nos parecem pouco claros, o *Archivo Pittoresco* irá publicar diversas notícias onde se dá conta dos livros dados à estampa pela *Sociedade Madrépora*, bem como outras iniciativas ou divulgações e até mesmo os Estatutos interinos de tal organização. No que diz respeito ao *Archivo Pittoresco*, a *Sociedade Madrépora* não mais deixará de vincar com o seu indelével cunho o destino deste periódico, que rapidamente alcançará resultados espectaculares com a difusão e divulgação dos seus folhetins. A divulgação do *Archivo Pittoresco* será ainda mais reforçada com a compra de mais exemplares para que sejam distribuídos, com a mesma finalidade, em todas as províncias do Brasil.

Nos annos seguintes, quase ultrapassa a “mítica barreira” dos 5000 exemplares, estabelecida desde a fundação de *O Panorama*, em 1837, e que volvidos quase trinta annos, ainda não tinha sido ultrapassada por nenhum periódico portuguez. Embora *O Panorama* tenha, seguramente, publicado uma fasquia maior de números por tiragem em annos subsequentes, o certo é que o *Archivo Pittoresco* é o único periódico a aproximar-se desses números e que em breve os tencionava ultrapassar. A grande novidade será o avolumar do tráfego regular do *Archivo Pittoresco* no continente americano que até aí era sujeito às mais variadas intempéries.

No entanto, o *Archivo Pittoresco* conseguirá posicionar-se apenas por pouco tempo num lugar cimeiro dos periódicos portuguezes. Economicamente dependente da *Sociedade Madrépora*, não soube, pelos seus próprios meios, encontrar uma solução financeira que lhe permitisse libertar da influência esmagadora de tal instituição. A morte do principal benemérito da *Sociedade*, António Emílio Machado Reis, fez cessar o fluxo de divisas vindas do Brasil e necessárias para a publicação semanal dos folhetins. Ainda assim, o *Archivo Pittoresco* conseguirá sobreviver por algum tempo, embora com imensas

dificuldades, como se poderá depreender da quebra de qualidade literária e gráfica das suas páginas finais.

No final de 1865, pressente-se já uma quebra na produção e na rentabilidade do *Archivo Pittoresco*, embora o corpo directivo e editorial do periódico tentassem, a todo o custo, fazer singrar o elevado desígnio de contribuir para a causa da instrução primária e colmatar algumas das falhas que se começam a manifestar irrecuperáveis.

Quando se aproxima o término da publicação do *Archivo Pittoresco*, Inocêncio Francisco da Silva relata, em aditamento a outras evocações críticas, e em jeito de balanço final anunciado, quais os desígnios que a publicação cumpriu e quais as causas do seu já certo encerramento.

Embora o corpo gerente mude em 1866, passando Inácio de Vilhena Barbosa a figurar como principal redactor, coadjuvado por Pedro de Brito Aranha, assiste-se a uma rápida decadência a partir do IX volume em diante, não obstante a elevada competência dos redactores, figuras bem conhecidas do meio cultural português. Mas em 1868, ao volume XI publicado e completo, o *Archivo Pittoresco* terá que encerrar as suas portas e declarar falência técnica, por não ver saldadas as suas imensas dívidas aos fornecedores e à banca, devido, sobretudo, a um elevado débito que os novos dirigentes da *Sociedade Madrêpora* deixaram pendente desde 1865 e que nunca pagariam.

Em finais de 1868, o *Archivo Pittoresco* encerrará todas as suas actividades e não mais voltará a figurar no meio jornalístico português. De certo modo, o encerramento deste periódico augura já o fim dos periódicos literários portugueses do período romântico, muito embora este género ainda conheça grandes expoentes culturais, como será o caso de *O Occidente*, fundado em 1878, em Lisboa, já numa outra conjuntura.

Ao longo de toda a obra [e vivência] crítica, os periódicos literários portugueses apresentaram exemplos vivos da História, quase sempre devidamente

documentados, tornando-a prática acessível ao vulgo. Aí reside todo o seu mérito e valor positivo.

«*Populi, semper populi*» deveria ter sido, com justa causa, a divisa deste periódico, pois manteve sempre constante o apego e a dedicação à causa da educação e emancipação populares até desaparecer de cena.